

MACUNAÍMA

em 36 quadros

Em plena semana da paixão (sofrimento) de Cristo, o Museu de Arte Contemporânea de Campinas abre uma exposição com 36 quadros de Martins de Porangaba, todos dedicados a Macunaíma - este herói que, apesar de não ter "nenhum caráter" (ou por isso mesmo), desde o seu aparecimento não tem deixado de provocar a paixão (gozo e gozação) dos brasileiros com suas malandragens míticas e eróticas.

Contradição? Profanação? Heresia?

Nem tanto. Macunaíma, depois de nascer "no fundo do mato-virgem", também alimentou a paixão-sofrimento de seu pai literário, o brasileiro Mário de Andrade. Há 40 anos, numa carta ao crítico Álvaro Lins o escritor confessa que "pouco importa se muito sorri escrevendo certas páginas do livro: importa mais, pelo menos pra mim mesmo, lembrar que quando o herói desiste dos combates da terra e resolve ir viver "o brilho inútil das estrelas", eu chorei".

Numa época de urgências ("o homem nunca foi tão momentâneo como agora"), Mário lamentava que o livro sobressaísse pelo engraçado e falava, sartreanamente, em fracasso. "Mas a verdade é que eu fracassei. Se o livro é todo ele uma sátira, um não-conformismo revoltado sobre o que é, o que sinto e vejo que é o brasileiro, o aspecto "gozado" prevaleceu."

Portanto, não fiquemos apenas rindo de Macunaíma e não esqueçamos o inconformismo do autor ante a "injustiça dos homens" - a mesma que obriga o herói a desistir "dos combates da terra". Martins de Porangaba parece não ter esquecido isso e, ao lançar Macunaíma em suas telas, não projetou imagens só para rir mas também para refletir.

Reflexo e reflexão

Como o escritor, o pintor deve ser apaixonado pelo personagem, paixão que cultivou ao longo de três anos (1979 a 81). Bem observado, o interesse não é isolado nem gratuito. Certamente acompanha as correntes que, na maré da "abertura", perseguem um reencontro com a auto-imagem do brasileiro, do "caráter nacional". E talvez mostre que, consciente ou inconscientemente, nem todos estão satisfeitos com a face unidimensional que nos é oferecida cosmeticamente, através do vídeo, por 1964.

O auto-retrato de 1928, tornado público em plena era de oswaldiana antropofagia (quando nós é que devorávamos — pelo menos culturalmente — o estrangeiro, e não o contrário), talvez não seja o mais atraente, mas por ser multifacetado, e não o contraditório, folclórico, satírico e sincero, é, salvo engano, o mais provocante e verdadeiro. O que significa que, ao contrário da propaganda oficial, não busca esconder, mas refletir uma realidade; não tenta impor um clichê, mas provocar a reflexão.

De literário, este auto-retrato do brasileiro (ou Brasileiro, como prefere Mário) se torna agora pictórico. A passagem de uma linguagem para outra não se fez, porém, mecanicamente. Fiel ao espírito modernista e apesar de Mário ter se recusado a filiar seu personagem à Antropofagia, Martins de Porangaba deglutiou Macunaíma para incorporá-lo ao nosso tempo.

Mastigação e digestão

O resultado disso não é a mera reprodução dos episódios do livro. Porangaba figurou em suas telas as sensações e emoções (em suma, as paixões) que a leitura lhe proporcionou. E assim mistura estilo na mesma medida em que mistura as técnicas (tempera, aquarela, óleo, cera e cola-gem) — num procedimento semelhante ao que Mário adotou (e libertariamente).

Ser livre, no caso, significa prender-se mais profundamente ao objeto da paixão. Por exemplo, o caráter infantil de Macunaíma (que põe a marca de travessuras em suas malandragens) não aparece apenas no que é representado, mas na própria forma como é representado. Fato que o espectador imediatamente percebe: "parece pintura de criança", exclama uma dona-de-casa.

O mesmo ocorre com os outros aspectos do livro: o mitológico (portanto, o fantástico), o sensual, o encantatório, o poético, o crítico. Em seus quadros é possível surpreender desde o erotismo de "Macunaíma se trans formar em príncipe e brincar com "Sofará" até o lirismo da pequena série dedicada à lenda da "Boiuna Luna", passando pelo humor de "A francesa e o gigante", pela verbosidade pictórica de "Macunaíma fala do Pai do Mutum" pelo onirismo de "Sonho

de Macunaíma" e pela ironia metalinguística de "Macunaíma finge que é pintor na Cantareira".

Herói racial

Utilizando (e atualizando) o cubismo e o abstracionismo, associados sob o signo do primitivismo, Porangaba preservou ao mesmo tempo a complexidade do "herói sem caráter" e a poesia lendária (nos dois sentidos) da obra de Mário de Andrade.

O cubismo constitui outro ponto de encontro entre o pintor contemporâneo e os modernistas de 22. O modernismo brasileiro (como o futurismo em outras terras) tinha em alta conta a estética cubista e não foram poucas as tentativas de aplicá-la à literatura. Mário pensava o cubismo em termos musicais: perseguiu versos que formassem acordes e acabou incluindo "Macunaíma" no "rapsódia".

A deformação cubista permite a Porangaba mostrar os aspectos contraditórios do brasileiro que é Macunaíma já num de seus primeiros quadros, "A anta cai no laço de Macunaíma". O rosto do herói, ainda menino, aparece como síntese étnica: vermelho de um lado, pardo de outro, e encimado por cabelos pixaim.

Crítica social

O herói, porém não está presente apenas enquanto representante de raças, mas também como o personagem satírico do "não-conformismo revoltado" de Mário. Porangaba não ignorou a crítica social do livro e imprimiu-a, por exemplo, nos tons escuros e cinzentos que encobrem o céu de São Paulo quando Macunaíma tem um primeiro encontro com suas prostitutas ("Macunaíma e as Cunhãs em São Paulo").

O contraste entre a mata-virgem, mítica e sensual, e o meio urbano, já corrompido por uma reificação quase grotesca, é nitido nos quadros tanto quanto no livro. Os episódios que se passam no cenário natural indicam uma profunda integração hominatureza: os corpos enlaçados de Macunaíma e da amazona "Ci" diluem-se idilicamente na paisagem. Na rua da cidade, no quarto da pensão, os corpos do herói e das "cunhãs" criam arestas e se confundem sem se fundirem.



Uma certa alegria parece presidir a saída do herói. "Adeus São Paulo", diz a tela "Macunaíma deixa São Paulo". A diferença de Mário, no entanto, Parangaba não aparenta chorar quando o herói vai viver o "brilho inútil das estrelas". Chora antes, quando o personagem cai no conto (ou no canto) da Uiara: então, a própria composição se faz aos pedaços, como o corpo de Macunaíma. (RG)



"Macunaíma se transforma em Príncipe e brinca com Sofará".



"Macunaíma em São Paulo"



"Macunaíma deixa São Paulo".